



CONCEPÇÃO FILOSÓFICA DE LINGUAGEM NÃO-LOGOCÊNTRICA NO CÍRCULO DE BAKHTIN: O ENUNCIADO DIGITAL

PHILOSOPHICAL CONCEPT OF NON-LOGOCENTRIC LANGUAGE IN THE BAKHTIN CIRCLE: DIGITAL ENUNCIATION

José Lucas do Nascimento BARBOSA¹

Sônia Virginia Martins PEREIRA²

RESUMO

O objetivo deste artigo é revisitar a concepção filosófica de linguagem no Círculo Bakhtin, Volóchinov e Medviédev para pensar o enunciado digital de uma perspectiva filosófica pós-dualista. Como hipótese, entende-se que essa concepção apresenta uma orientação não-logocêntrica da linguagem, que possibilita perceber relações dialógicas em outros fenômenos, como no digital. A metodologia é a Análise de Rede Social (ARS), que serve para compreender fenômenos associados à estrutura das redes sociais *online*. O estudo traz uma análise empírica de discursos que circulam/circularam no *TikTok*, apresentando como percurso analítico as seguintes etapas: identificação do ator social (perfil do *TikTok*); como é construído seu espaço de expressão (a construção do seu enunciado) e como acontecem as relações com outros atores sociais. Por fim, a pesquisa se utiliza de Bakhtin (2016), Volóchinov (2019) e Medviédev (2016) ao dissertarem sobre enunciado e gênero do discurso, uma vez que os apontamentos desses autores servem como percurso analítico para se compreender o espaço de expressão do ator social. Longe da intenção de finalizar discussões, esta investigação pretende contribuir para o avanço dos estudos

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: <joselucasnb7@gmail.com>.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: <sonia.mpereira@ufpe.br>.



dialógicos do discurso, uma vez que se propõe a pensar o fenômeno do discurso digital através das lentes bakhtinianas sobre a linguagem.

PALAVRAS-CHAVE

Concepção não-logocêntrica. Enunciado digital. Ato responsável. *TikTok*.

ABSTRACT

The purpose of this article is to revisit the Bakhtin, Volóchinov and Medviédev Circle's philosophical conception of language to think about digital discourse from a post-dualist philosophical perspective. As a hypothesis, it is understood that this conception presents a non-logocentric orientation of language, which makes it possible to perceive dialogical relationships in other phenomena, such as digital. The methodology is Social Network Analysis, which serves to understand phenomena associated with the structure of online social networks. The study brings an empirical analysis of discourses that circulate/circulated on TikTok, presenting the following steps as an analytical path: identification of the social actor (TikTok profile); how their space of expression is constructed (their discourse construction) and how relationships with other social actors take place. Finally, the research uses Bakhtin (2016), Volóchinov (2019) and Medviédev (2016) when they talk about discourse and speech genre, since these authors' notes serve as an analytical path to understand the space of expression of the social actor. Far from the intention of finalizing discussions, this investigation intends to contribute to the advancement of dialogical discourse studies, since it proposes to think about the phenomenon of digital discourse through Bakhtinian lenses on language.

KEYWORDS

Non-logocentric conception. Digital discourse. Responsible act. *TikTok*.

INTRODUÇÃO

Os estudos bakhtinianos no cenário brasileiro têm possibilitado a diversos pesquisadores, tais como Grillo (2016; 2017; 2019 e 2022), Brait (2016; 2017; 2015), Cunha (2002; 2019), Pereira (2022), Faraco (2009 e 2017); Sobral (2013; 2016 e 2019), disseminar os conceitos da teoria do



Círculo Russo, composto por Bakhtin, Volóchinov, Medviédev e outros pensadores, contribuindo para a reflexão sobre o fenômeno da linguagem e sua relação com a vida. Certamente as noções de dialogismo, polifonia e carnavalização são significativas para o entendimento sobre a concepção linguístico-filosófica sobre a linguagem; outros conceitos como a filosofia do ato responsável e o cronotopo também se mostram relevantes para uma compreensão mais ampla dessa perspectiva teórica. Além disso, um ponto interessante dessa teoria diz respeito ao inacabamento, a ideia de que nada está finalizado no mundo e que a espécie humana, por estar vivendo um determinado contexto e momento social, ou melhor, por estar inserida em um cronotopo específico, não significa estar presa a um momento da vida, mas que acompanha o sucessivo desenvolver da própria existência humana, pelas relações sociais, nas diversificadas esferas de comunicação e interação humana.

Um desses campos é o contexto digital que, a partir de ancoragem na filosofia bakhtiniana, pode ser entendido como um cronotopo mais dinâmico, fluido, suscetível a mudanças e atualizações. Santaella (2007; 2021 e 2022), em seus estudos sobre o universo virtual, vem contribuindo não só para se compreender o desenvolvimento dos dispositivos eletrônicos e suas interfaces, mas, também, como a interação do ser humano com a máquina possibilita novas formas de se pensar a linguagem. Paralelo a isso, Paveau (2021) sinalizou, em suas investigações sobre a realidade digital, um dos problemas recorrentes nos estudos do discurso: a não consideração de elementos e recursos tecnológicos como participantes da produção dos discursos. Face ao dilema, a autora propõe sua análise do discurso digital,



orientando a considerar elementos digitais (algoritmo, funções de adicionar, curtir, comentar etc.) como coprodutores de discursos em ambientes digitais.

É diante desse cenário que surge o interesse por essa investigação, tendo como questão norteadora: a concepção filosófica de linguagem no Círculo é pertinente, na atualidade, para se refletir sobre o enunciado como um fenômeno digital, a partir de sua concepção filosófica de linguagem? Como hipótese de trabalho preliminar, entende-se que a concepção filosófica de linguagem no Círculo bakhtiniano apresenta uma orientação não-logocêntrica da linguagem, a qual possibilita perceber relações dialógicas em outros fenômenos, como no digital. Assim, objetivou-se revisitar essa concepção filosófica de linguagem, no Círculo, a fim de se perceber a noção não-logocêntrica de linguagem para se pensar o enunciado digital, sob um viés filosófico pós-dualista.

Como procedimento metodológico, além de se classificar como bibliográfica, pois se buscou revisitar os conceitos bakhtinianos de linguagem e estabelecer diálogos com teorias recentes sobre o fenômeno digital, a pesquisa se utiliza da Análise de Rede Social (ARS), que, segundo Recuero (2017), serve para compreender fenômenos associados à estrutura das redes sociais, principalmente, *online*. Nessa perspectiva, os usuários são entendidos como atores sociais que estão inseridos em estruturas complexas de relações com outros atores. Assim, para analisar um ator social que utiliza o *TikTok*, por exemplo, como seu espaço de expressão, o método ARS indica como ferramenta de análise a abordagem Redes Ego, a qual pretende traçar uma rede social a partir de um determinado ator.

Com ancoragem teórico-metodológica nos dispositivos analíticos da ARS, o estudo traz uma análise empírica de discursos que circulam/circularam



no *TikTok* e apresenta como percurso enunciativo, as seguintes etapas: no primeiro momento é identificado como esse ator se apresenta (perfil do *TikTok*); em segundo lugar, como é construído seu espaço de expressão (a construção do seu enunciado) e, em terceiro, como acontecem as relações com outros atores sociais. Por fim, a pesquisa se utiliza de conceitos-categorias de Bakhtin (2016), Volóchinov (2019) e Medviédev (2016), ao dissertarem sobre o enunciado e o gênero do discurso, uma vez que os apontamentos desses autores servem como fundamento analítico para se compreender o espaço de expressão do ator social. Em interlocução teórica com o pensamento bakhtiniano, a abordagem de análise do discurso digital, de Paveau (2021), contribui para a discussão sobre a visão não-logocêntrica de linguagem.

A organização textual-discursiva do estudo segue o seguinte trajeto: no primeiro tópico, são apresentados aspectos da filosofia bakhtiniana para evidenciar a importância de se pensar as ações no universo digital como atos responsáveis; no segundo tópico, a questão da relação entre o digital e o ser humano se evidencia para se questionar como pensar a linguagem (no sentido bakhtiniano) nesse contexto, isto é, uma linguagem não fixa no linguístico, mas construída com outros elementos, inclusive elementos digitais; e, por fim, no terceiro ponto, busca-se entender o processo de construção do enunciado digital à luz da teoria bakhtiniana, para exemplificar como o conceito de linguagem, em Bakhtin, se apresenta como uma noção não-logocêntrica da linguagem.

Portanto, longe da intenção de finalizar discussões, este ensaio pretende contribuir para o avanço dos estudos dialógicos do discurso, uma vez que se propõe a pensar o fenômeno do discurso digital através das lentes bakhtinianas sobre a linguagem.



A PROPOSTA DE UMA *PRIMA PHILOSOPHIA* EM BAKHTIN: O ENUNCIADO COMO ATO

Se partimos do pressuposto da existência de um sujeito como ser digital, então a busca para compreender essa existência pode começar a partir de seus atos como fenômenos concretos no mundo digital, mas não de forma individualizada. Assim como na vida (pré-digital) a identidade do sujeito se constrói através de seu relacionamento dialógico com outros sujeitos, no mundo da internet essa interatividade é a raiz da existência do ser. Para Latour (2011), a sociedade se revela como uma espécie de rede heterogênea constituída de humanos e não humanos. Assim, ao se pensar o universo virtual, nesse sentido, é possível perceber que a sociedade digital também se constitui através de sua interatividade entre sujeitos digitais e elementos digitais; contudo, para compreender essa interatividade e os atos do sujeito como atos digitais, é preciso um olhar filosófico e, desse modo, optou-se por estabelecer um diálogo com a proposta filosófica de Mikhail Bakhtin: para uma filosofia do ato responsável.

É certo que o contexto de produção do Bakhtin e de outros teóricos russos, fundamentais para o conjunto da obra do Círculo, como Volóchinov e Medviédev, foi bastante diferente do contexto atual em que uso de tecnologias digitais ordena a vida cotidiana, em evidência, especialmente, em redes sociais. Na década de 1920, o pensador russo propôs uma visão crítica ao teoreticismo, que prezava pelos conhecimentos científicos como verdades universais (*istina*), ou seja, uma verdade repetível e generalizadora que não dava conta, na visão de Bakhtin, de capturar a verdade da vida concreta e irrepetível (*pravda*). Em face desse problema, Bakhtin (2017) inicia sua proposta evidenciando esse dilema: o de se capturar o evento irrepetível,



pois mesmo a espécie humana criando e objetificando a vida – mundo da cultura – ela, como humanidade, existe no mundo da vida e, nesse sentido, esses dois mundos ficam incomunicáveis entre si. A respeito disso, Ken Hirschkop, crítico literário, interpreta essa separação ao afirmar que:

As normas (regras, leis, costumes) que devem ser parte do ato se tornam meras partes de uma cultura ‘objetivada’ (consistindo em textos, trabalhos, imagens, etc.) enquanto que o ato, agora divorciado das normas, é guiado por algo semelhante a interesses próprios, autopreservação ou o desejo pelo prazer. A ‘civilização’, nesse contexto, é um problema; é uma forma de descrever uma sociedade que deu errado, que se tornou mecânica e sem valor, porque a ‘cultura’ de alguma forma se perdeu, ficou solta³ (HIRSCHKOP, 2021, p. 32, tradução nossa).

Nesse sentido, a solução se encontra em nossos atos como atos responsáveis, ou melhor, somente o evento único de nossos atos é capaz de unir os dois mundos separados; o ser dessa existência é uma espécie de ser-evento e tudo o que tal ser faz na existência é considerado como ato responsável. Além disso, segundo Ponzio (2019), essa responsabilidade se apresenta de duas formas que essencialmente devem caminhar juntas: uma responsabilidade especial ligada a um significado objetivo, isto é, a um conteúdo da cultura e uma responsabilidade moral relacionada ao indivíduo como ser único, encarnado e que não pode abdicar de sua responsabilidade, pois não há *álibis* na existência.

³ “The norms (rules, laws, customs) that should be part of the act become mere parts of an ‘objective’ culture (consisting of texts, works, images, etc.), while the act, now divorced from norms, is guided by something like self-interest, self-preservation or the desire for pleasure. ‘Civilisation’, in this context, is a problem; it’s a way of describing a society gone wrong, one that has become mechanical and value-free, because ‘culture’ has somehow lost its way, become detached.”



Assim, o ser, ao entrar na existência, não o faz de forma a simplesmente ocupar um espaço, mas assume a obrigação de se relacionar consigo e com os outros, ao passo que estabelece sentido para si e para o mundo. No universo digital, a título de exemplificação, o ser, ao vivenciar esse mundo, age por meio de atos, dos mais diversos aos mais padronizados, como curtir, compartilhar, comentar, postar, favoritar etc., os quais estão em ligação a um dado conteúdo da cultura e que são, também, de responsabilidade desse ser – visto que não há como se substituir na existência. Embora esse atos responsivos sejam limitados, pois fruto de uma programação tecnológica ou padronização da cultura digital, pensando-se nos termos de Adorno (2002), para quem, na estandardização das técnicas de produção, na indústria cultural, é uma ilusão se pensar em individualidade, visto que identidades são bem recebidas, se controladas pelo universal.

Segundo Pires e Sobral (2013), Bakhtin não aceita uma espécie de isolamento total do ser, pois mesmo que cada sujeito seja um sujeito à sua maneira, ele muda em relação aos diferentes contatos que tem com o outro, ou seja, isto não implica uma compatibilidade de identidades (todos sendo semelhantes e sem diferenças), mas implica que ao estabelecer uma relação com outro, o sujeito pode perceber o que o distingue dos outros. Assim, não há nem um isolamento completo, nem uma fusão completa entre os sujeitos, mas sim relações entre eles. No mundo das redes sociais, não há isolamentos absolutos, uma vez que para interagir precisa-se do outro, logo, as identidades desses seres digitais podem ser, até certo ponto, diferentes entre si, porém, influenciam umas às outras através da interação digital, a qual é responsável pelo acabamento identitário dos sujeitos digitais – não no sentido de uma fusão, mas de influência.



Em um contexto digital, as redes sociais são caracterizadas pela interatividade entre os usuários, uma vez que é através dela que eles se comunicam e compartilham conteúdo. Assim, a linguagem está configurada nessa relação (SANTAELLA, 2021). A teoria do Círculo de Bakhtin também se aplica a esse contexto, pois enfatiza a importância dos enunciados concretos e sua relação com a responsabilidade do enunciador. Portanto, a dinâmica da comunicação digital não é diferente da comunicação e interação face a face, pois a responsabilidade dos enunciados é semelhante.

Diante disso, na tentativa de entender a complexidade da relação entre matéria linguageira com a matéria tecnológica, a proposta de uma filosofia pós-dualista lança luz sobre essa fusão. Segundo Lakoff e Johnson (1999), as concepções mentais são baseadas nas experiências sensoriais e físicas, ou seja, as crenças, a linguagem, os conceitos etc. recebem influência da relação do humano com seu corpo e com o mundo. O ambiente em que humanos estão não é um aglomerado de coisas somente visíveis, mas fazem parte daquilo que caracteriza a espécie; isto é, o ambiente faz parte daquilo que a espécie humana é, na medida em que suas experiências de interações com espaços se conecta com a mente corporificada, a qual os faz olhar perceber/conceituar o mundo e os próprios seres humanos. Considerando-se essa relação mente-corpo-mundo, é possível pensar o ambiente digital como um mundo em que humanos habitam e, conseqüentemente, têm experiências que moldam a forma como enxergam a vida/o mundo e a si mesmos como espécie.

Concomitante a isso, Di Felice (2020) argumenta que a noção ocidental de humanidade como sujeito livre e independente é incompleta. A pandemia COVID-19 ilustra como a espécie humana não está desvinculada da natureza e a ilusão de tal separação é a causa de crises ecológicas. As ações e atividades



humanas estão conectadas, não apenas entre os seres humanos, mas também com dispositivos, sensores, dados virtuais e instrumentos culturais, em geral, quando se pensa no cotidiano não apartado de um vínculo digital. Desta forma, agir significa estar conectado. Além disso, filosofias grega e cristã medieval, para o autor, sempre descreveram a pessoa como uma unidade indissociável entre corpo e alma. Contudo, Di Felice discorda da visão platônica, que separa o ser em corpo (do mundo da natureza) e a alma (do mundo metafísico). Ele acredita que São Tomás de Aquino representa melhor a ligação entre humanidade e digitalidade, pois, para esse filósofo, a pessoa é vista como matéria signada, ou seja, uma unidade indivisível (humana e divina) semelhante à natureza de Cristo. Di Felice sugere que a compreensão de uma pessoa digital como extensão da física é simplista, pois a esfera digital e a corpórea não podem ser dissociadas e se influenciam mutuamente. Essa unidade é denominada *infovíduo* por Di Felice.

Portanto, a linguagem humana precisa ser repensada para dar conta desse ser que se relaciona com a materialidade digital. Para Brait (2015), a concepção de linguagem em Mikhail Bakhtin e o Círculo abre caminhos para compreender a linguagem sendo constituída por outros elementos para além do linguístico – elementos plurissemióticos em uma unidade indissociável. Seguindo essa perspectiva, a abertura que Brait evidencia em Bakhtin pode também caracterizar a linguagem humana-digital na medida em que recursos tecnológicos parcerizam com o humano na produção languageira.

Assim, a linguagem digital, em uma perspectiva bakhtiniana, se mostra não-logocêntrica, pois os recursos digitais entram em jogo com o humano, em sua produção languageira, entendida como ato responsável, visto que, como enunciado digital, está relacionada a determinado objeto da cultura e com



o outro, também sujeito digital. Como na sociedade digital a interatividade entre sujeitos digitais e elementos digitais é a base da existência do ser digital, assim, advoga-se que a filosofia de Bakhtin comporta elementos para que se compreenda a responsabilidade como essencial para a construção da identidade digital e para a união entre o mundo virtual e o mundo real.

A LINGUAGEM E O SER DIGITAL: UMA PROPOSTA NÃO-LOGOCÊNTRICA DA INTERAÇÃO DISCURSIVA

Ao se discutir a linguagem do ser digital, é imprescindível refletir sobre os estudos de Lakoff e Johnson (1999), ao teorizarem sobre a relação mente, corpo e mundo com o conceito de corporificação da mente. Para esses autores, a mente é estruturada graças às experiências corporais que os seres humanos têm no mundo em que vivem. Dessa forma, a razão não é algo que transcende a existência – como em uma espécie de metafísica – pelo contrário, a mente ganha sua estrutura através da matéria cerebral e, também, através de como o corpo humano experiencia o mundo em que vive, ou seja, o dualismo cartesiano entre mente e corpo se destrói para dar lugar à tríplice relação mente, corpo e mundo. Sendo a mente corporificada, busca-se, então, investigar como a experiência do corpo com o mundo digital pode estruturar as questões mentais. Segundo Miguel Nicolelis, neurocientista brasileiro, a exposição constante ao vício digital está moldando nossos cérebros. Devido à sua capacidade de adaptação, o cérebro se autorreforma e utiliza as novas informações, subsidiadas pela interatividade digital e pelo manuseio de recursos digitais, para guiar comportamentos e ações, como explica o neurocientista:

No contexto peculiar criado pelas nossas interações como sistemas digitais, há uma possibilidade real de que o estabelecimento de uma



rotina de reforço positivo constante - derivada da nossa interação contínua com computadores digitais, algoritmos computacionais e interações sociais mediadas por sistemas digitais, para listar poucos exemplos - desencadeie uma remodelagem gradual no processo pelo qual o nosso cérebro adquire, estoca, processa e manipula informação (NICOLELIS, 2020, p. 335).

Entretanto, mesmo compreendendo que o diagnóstico dessa relação entre mente, corpo e mundo digital é significativa, o foco deste ensaio é evidenciar a relação entre linguagem humana e a linguagem digital, em sua natureza linguística e tecnológica, visto que há uma relação entre essas duas realidades, como assinalado em algumas concepções teóricas vistas até aqui. Sob o viés da Linguística, ao compor sua teoria no campo da Análise do discurso digital, Paveau (2021) assinala que o que se observa, na produção discursiva, na internet, é a fusão, uma coautoria entre o sujeito de linguagem e o digital, pois somente a materialidade linguística não se torna suficiente na dinâmica de interação entre os sujeitos, em ambientes digitais, uma vez que outros elementos entram em jogo. Dessa forma, seria um erro considerar apenas o linguístico em uma análise discursiva e não se investigar os recursos tecnológicos presentes no discurso.

Em seus estudos, a linguista francesa discute as concepções logocêntricas da Linguística embasando sua teoria de análise do discurso digital numa concepção simétrica, norteadas por uma visão filosófica pós-dualista da linguagem, que entrelaça fenômenos linguísticos e não-linguísticos. Tais fenômenos se equivalem, nessa perspectiva, e configuram a ecologia do discurso digital, pela natureza compósita e contínua entre a matéria languageira e o ambiente em que é produzida e por onde circula. Como é perceptível, a perspectiva compósita de Paveau (2021) presume laços entre humanos

e não-humanos que ultrapassam a simples manipulação de objetos “para levar em conta realidades sociais verdadeiramente híbridas; o composto tecnolinguageiro é uma delas” (PAVEAU, 2021, p. 119).

Semelhantemente, Santaella (2021) sinalizou uma relação de hibridização da linguagem na internet ao afirmar que esta se constitui de hipertexto (aqui o linguístico no sentido textual e suas conexões) e a multimídia (outras semioses como sons, imagens, textos miscigenados) e que esse tipo de avanço tecnológico chegou ao ponto de mimetizar a dinâmica multissemiótica dos próprios pensamentos humanos. Isso não significa que esse fenômeno aconteceu somente na era digital, pois, segundo a autora, o jornal é o melhor exemplo para ilustrar que a escrita já estava perdendo sua hegemonia, ao trazer uma linguagem própria, semelhante a um mosaico, com imagens do cotidiano. Assim, foi possível identificar uma nova forma de estar no mundo ao se misturar o verbal e a imagem – o que, no mundo digital, pode-se apontar como hipermídia.

De forma alguma isso implica o desaparecimento da escrita. O que Santaella (2021) defende é que a escrita ainda está presente no digital, mas de forma transmutada na hipermídia, pois a cada mudança de comunicação na sociedade não implica necessariamente o desaparecimento de uma forma antiga de se comunicar. A transição de um período cultural para o outro começou com a passagem da oralidade para a escrita e chegou no universo de Gutenberg, que revolucionou o mundo com a imprensa. Após isso, pode-se perceber o surgimento dos meios eletrônicos, o surgimento dos *gadgets* e, por fim, a era digital. Mesmo com essas mudanças, a oralidade, a escrita, os meios digitais estão presentes em coexistência construindo a linguagem humana. O que se vê na dinâmica digital é o salto da escrita para a tela e sua mistura com outras formas de linguagem.

Essa linguagem não permanece estável, segundo a autora, mas como em uma ecologia, passa por adaptações e transformações contínuas. Assim, o sujeito e o digital estão em parceria na produção dessa linguagem, que Santaella chama de hiper-híbrida, a qual se apresenta em “síntaxes mistas nas quais, por vezes, domina a escrita e, por vezes, ela se recolhe para um pano de fundo, ofuscada pela presença imperiosa da imagem e do som” (SANTAELLA, 2021, p. 62); ou seja, uma noção de linguagem não-logocêntrica.

Frente ao exposto, pode-se questionar como a concepção de linguagem no Círculo de Bakhtin se relaciona com essa noção de linguagem não-logocêntrica. Autores como Brait (2015) já haviam percebido que Bakhtin abriu possibilidades para se pensar as relações dialógicas em outras manifestações languageiras, para além do verbal, numa composição verbo-visual. Nisso, é preciso reafirmar que pensar linguagem, em Bakhtin, não seria considerar a primazia do linguístico, mas a interação dialógica através do discurso, o que significa que outros elementos fazem parte dessa construção discursiva, pois “qualquer oração pode figurar como enunciado acabado, mas, neste caso, é completada por uma série de elementos essenciais de índole não gramatical, que lhe modificam a natureza pela raiz” (BAKHTIN, 2016, p. 44).

Sobre isso, o autor figura o enunciado como sendo colocado em uma espécie de moldura, cuja natureza é diversa e o que faz com que esse enunciado seja compreensível, isto é, tenha uma espécie de inteireza “não se presta a uma definição nem gramatical nem abstrato-semântica” (BAKHTIN, 2016, p. 36). Esse pensamento se relaciona com o de Medviédev (2016), o qual certifica que a humanidade desenvolve a capacidade de compreensão graças a uma espécie de unidade chamada enunciado, o qual “não pode ser compreendido como um ato todo linguístico, e suas formas não são



sintáticas” (MEDVIÉDEV, 2016, p. 198). Ou seja, os pensadores russos já sinalizavam para a necessidade de se voltar para outros elementos que se interligam na construção dos enunciados e que fazem parte de artefatos semióticos da espécie humana. Um desses pensadores, Volóchinov (2019), questiona justamente o que seria essa parte extraverbal do enunciado, e aponta três elementos como seus constitutivos: o espaço e o tempo; ou seja, o onde e o quando; o objeto ou tema do enunciado; isto é, sobre o quê se fala e, por fim, a relação dos falantes, suas avaliações. Isso tudo é definido através de uma nomenclatura, a situação do enunciado.

Evidencia-se, com isso, que além desses pensadores russos já apontarem para uma noção de linguagem que ultrapassa o linguístico, ou melhor, uma concepção de linguagem não-logocêntrica, é também perceptível que o contexto social deles é diferente do momento das redes sociais, na internet. Diante desse contexto, o que se faz aqui é partir desses apontamentos desses autores para se pensar esse extraverbal, esse além do linguístico, no mundo digital, visto que, o espaço, em ambientes digitais, é ampliado ao ter os recursos tecnológicos como geradores dos próprios espaços.

É o caso do *feed* de uma rede social, que permite materializar o enunciado, o qual pode ser compartilhado para diversos lugares – por isso a ampliação digital do espaço, a sua desterritorialização digital. Assim como o espaço, o tempo também não é fixo, mas dinâmico e recuperável (o *repost*, a *hashtag*, o compartilhar). Em consequência do dinamismo do espaço e do tempo digital, o tema do enunciado é construído na coparticipação enunciativa ou responsividade, em termos bakhtinianos, do público de dada rede social ou qualquer ambiente digital. Ou seja, os elementos que tornam



parte do acervo reconhecível pela comunidade digital, como os *memes*, por exemplo, são acessados e inseridos no projeto enunciativo para dar corpo ao tema do enunciado. Nessa realidade de produção verbal, o sistema linguístico é limitado, sendo necessário o uso de múltiplas semioses que se tornam virais ou não, em *memes*, vídeos populares, *gifs* etc.

E, por fim, as avaliações, os acentos apreciativos dos participantes desse enunciado são percebidos através de reações ao *post* como curtidas, comentários, vídeos em resposta, entre outros recursos tecnológicos disponíveis no ambiente. Todos esses aspectos são sinalizados ao se trazer o pensamento do Círculo para se compreender o enunciado digital, evidenciando-se que existem princípios de uma noção não-logocêntrica de linguagem, na teoria dialógica, que serve para compreender a dinâmica de construção do enunciado digital, em seu todo composicional.

A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO NO CRONOTOPO DIGITAL: O TODO COMPOSICIONAL

Na tentativa de evidenciar como a teoria bakhtiniana de linguagem se mostra como um possível caminho de interpretação do fenômeno de interação e comunicação digital, o uso de uma rede social, como ilustração, é importante para que se possa identificar elementos que configuram essa relação entre linguagem e digital numa ótica bakhtiniana. Para isso, segue-se o que Recuero (2017) indica como proposta metodológica para análise de redes sociais: através da observação redes ego, os usuários são interpretados como atores sociais; nesse sentido, um ator social pode ser representado por uma instituição ou indivíduo. Assim, selecionou-se a página @historiapranglesver, que se apresenta como um perfil no



TikTok que se propõe a falar de História através de *memes*. A fim de compreender o espaço de expressão de @historiapringlesver, segue-se a teoria de construção do enunciado elaborada por Volóchinov (2019) e o Círculo russo.

Valentin Volóchinov afirma algo básico e necessário ao discurso humano, a necessidade da presença de um falante e de um ouvinte; mesmo que esse ouvinte esteja ausente, o discurso é direcionado a ele. Considerando a interação no ambiente digital, as produções dos mais diversos *posts* são, na maior parte das vezes, direcionadas a um outro que não está necessariamente presente no tempo real de produção do enunciado. Cabe ressaltar, também, que esse outro, no universo digital, pode ser um coletivo, o auditório do enunciado.

Seguindo as características do *TikTok*, ao se postar um vídeo nesta rede social, ele estará disponível para todos os usuários, mas também pode estar voltado para um grupo mais específico – como no caso de @historiapringlesver, que produz seus discursos digitais para um público interessado em conteúdos de história (isso pode ser sinalizado através das *hashtags* #igreja, #história e #engracado presentes no vídeo em análise a seguir). A escolha desse interlocutor é o que garante, segundo Volóchinov, a estruturação estilística do enunciado. Dessa forma, um público digital que assiste, cria ou compartilha *memes* no *TikTok* influencia @historiapringlesver a selecionar *memes* como um dos elementos constitutivos de seu enunciado digital sobre história. Dessa forma, através dos *memes*, por terem como um de seus traços característicos, o entretenimento, @historiapringlesver consegue atrair esse público a interagir com seus *posts* e influenciar, possivelmente, esses usuários a se interessarem por questões sobre história.



Figura 1 – Print do vídeo “A Igreja Católica na Idade Média depois de ver um ruivo”



Fonte: Página de @historiapringlesver no *TikTok*, 2022.

No vídeo analisado para o estudo, @historiapringlesver seleciona um áudio de uma pessoa falando de forma indignada sobre a atitude de outra pessoa, que não é identificada. A construção deste áudio tem origem em outro vídeo que se tornou *meme* e viralizou no *TikTok*, do qual segue a descrição: “Mas não, ela quer anarquizar, ela quer barbarizar, ela quer dominar, ela quer ser a bichona, ela quer ser a que não deita, ela quer ser a que peita, ela quer ser a que diz e ela quer ser a que diz e todo mundo [áudio interrompido]”.

É possível compreender que a escolha desse áudio serve para validar o tema do enunciado, o preconceito da igreja católica, na Idade Média, em relação às pessoas ruivas, a ponto de condená-las. O áudio retrata alguém, de forma indignada, falando sobre uma pessoa que mostra um comportamento anárquico, rebelde. Essa posição de julgamento pode ser ilustrada, também, ao se observar as fotos utilizadas na construção do enunciado (dois homens como se estivessem representando a Igreja Católica e a foto de uma mulher ruiva sendo queimada em praça pública). A descrição que @historiapringlesver coloca para o vídeo e o título escolhido também contribuem para o entendimento do tema do enunciado digital. Entende-se,



dessa forma, que a escolha do auditório que utiliza e/ou consome *memes* influencia na construção estilística do enunciado de @historiapranglesver, na medida em que é escolhido um áudio que se tornou *meme* para, a partir de toda a produção multissemiótica para essa modalidade de produção verbal, se criar o enunciado digital.

É interessante, paralelo a isso, estabelecer relação com os apontamentos de Medviédev (2016, p. 198) sobre gênero do discurso e realidade, pois para esse autor “cada gênero possui seus próprios meios de visão e de compreensão da realidade, que são acessíveis somente a ele”. Diante do exposto, considerar essa forma digital de se comunicar como um enunciado, logo um gênero digital, é possível afirmar – mas não sendo essencialista e nem se propondo uma visão generalizadora ou acabada desse fenômeno virtual – que a união desses elementos anteriormente exemplificados, como constitutivos do enunciado de @historiapranglesver, são uma forma singular de enxergar a realidade pelas lentes do usuário digital.

Portanto, do ponto de vista composicional, nesse contexto, em particular, para criar um enunciado digital, é preciso olhar para vida de maneira que ela caiba no mundo virtual, através de recursos tecnológicos digitais, de acordo com o plano da obra do autor/usuário – todavia, como o mundo digital é fluido e as atualizações são frequentes, os gêneros digitais se tornam relativamente estáveis de maneira mais veloz e adaptável, o que faz com que usuários disponham de um rico repertório de possibilidades (de gêneros) para se comunicar.

Além disso, essa construção enunciativa, Bakhtin (2016) apontaria como o acabamento do enunciado, pois apresenta, além do linguístico, 1) a exauribilidade semântico-objetal, isto é, o que o sujeito quer dizer/significar



atribuindo valor em seu enunciado. No caso em questão, essa exauribilidade é sentida ao se ver o todo do enunciado digital e se perceber que a posição do usuário é de sinalizar que a Igreja, na Idade Média, condenava pessoas ruivas. É graças a exauribilidade que finaliza o enunciado, de forma que outros podem responder a ele (outra característica constitutiva do enunciado – a capacidade de resposta – analisada mais adiante). 2) o projeto ou vontade de discurso do falante, o qual diz respeito à vontade do falante de produzir um sentido, que determina os limites desse enunciado.

Em um contexto digital, as redes sociais podem limitar o espaço de expressão do usuário. Isso afeta a escolha do objeto de discurso e, conseqüentemente, o ponto 3) a forma de composição e o acabamento do gênero. A vontade de um usuário digital, ao elaborar seu enunciado, o leva a escolher determinada rede social para se expressar, logo, o leva a selecionar determinado gênero digital para se expressar, bem como os recursos multissemióticos que compõem a comunicação verbal, nessa rede.

É necessário se ressaltar que vários fatores sociais entram em jogo nessa escolha, ao se produzir o discurso, entre eles, o contexto, o tempo histórico e os recursos extralinguísticos. Como o universo digital é fluido, gêneros como um *tweet*, um *Stories* do *Instagram*, um vídeo do *TikTok* etc. podem sofrer modificações, em suas formas de construção composicional. É nesses ambientes que a vontade do autor/usuário se adapta a uma dessas formas de gêneros para se conseguir dar acabamento àquilo que se quer dizer/postar. Nesse sentido, um usuário digital aprende a moldar seu enunciado digital, a depender desse ou daquele espaço digital, com seus recursos tecnológicos, em que está inserido, de forma que somente o aparato linguístico se torna insuficiente, exigindo que outros elementos multimidiáticos, entre os quais,



sons, imagens estáticas ou em movimento, encenação filmada etc. entrem na coprodução desse enunciado.

Paralelo a isso, merecem atenção outros elementos que fazem parte do enunciado digital: o tom emotivo-volitivo e a capacidade de resposta. Para Bakhtin (2016) os enunciados (aqui inclui-se o digital) apresentam uma espécie de colorido expressivo, o qual independe do significado das palavras e é obtido na dinâmica do discurso, uma espécie de avaliação, como diz Volóchinov (2019), um ponto de vista avaliativo.

Assim, voltando-se ao exemplo do *TikTok*, em análise, não é nas fotos, nem no áudio, nem na descrição e título, nesses elementos vistos isoladamente, fora de sua natureza compósita, que estaria fixada a avaliação de @historiapranglesver em não concordar ou expor os procedimentos da Igreja, na Idade Média, desqualificando esse ato, mas obtém-se essa inclinação avaliativa de @historiapranglesver ao se ler todos os elementos em seu contínuo de possibilidades languageiras. Para que fique mais compreensível, todos esses elementos (as fotos, o áudio e, até, a descrição) poderiam ser utilizados em outros contextos cujas avaliações poderiam ser diferentes, tendendo para deboche, preconceito, respeito a depender da posição axiológica de quem enuncia.

Há estudos brasileiros sobre os *memes* mostrando que muito além de servir para o entretenimento, eles apontam aspectos sociológicos e políticos, em processos comunicativos na internet (BURGESS, 2020), revelando, assim, que o tom emotivo-volitivo está nos enunciados digitais, pois estão inseridos em contextos sócio-históricos e são dependentes do ecossistema digital, que envolve linguístico e não-linguístico para a interação discursiva.



Outros usuários, ao perceberem o acabamento de um enunciado e seu tom emotivo-volitivo, tendem a responder a ele. No mundo digital, há vários atos de resposta (que podem ser também em forma de enunciados) utilizados como favoritar, curtir, repostar e comentar. Teóricos como Paveau (2021) consideram os comentários como uma ampliação discursiva de um determinado enunciado. Bakhtin e o Círculo acreditavam em algo semelhante, pois entendiam que se um enunciado é apenas um momento no elo da cadeia comunicativa e se esse enunciado estabelece diálogo com outros enunciados, logo, um enunciado, incluindo-se o digital, na atualidade, não pode ser terminado/preso em seu espaço de expressão, ele precisa estar aberto, para que seus sentidos possam ser ampliados por outros. Na teoria de Paveau (2021), os enunciados digitais ganham a possibilidade de ampliação enunciativa, em razão da conversacionalidade proporcionada pela *web 2.0*, em seu investimento na interatividade digital.

Portanto, os elementos que fazem parte da construção de um enunciado digital, tanto os textuais como os multissemióticos, em sua relação de completude e não de isolamento entre linguageiro e não-linguageiro, são orquestrados seguindo o plano da obra de um autor/usuário, o qual está inserido em um contexto social e se utiliza de um dos vários espaços digitais, com seus recursos tecnológicos, para se expressar. Seu enunciado pode apresentar os mais diversos tons avaliativos, os quais podem receber outras significações e ressignificações, graças aos atos responsivos, por meio de comentários, *reposts* e outros gestos enunciativos de outros usuários que ampliam esse enunciado. Cabe ressaltar, por fim, que um enunciado digital está em relação a um dado da cultura e, conseqüentemente, em relação com outros interlocutores, sendo um ato responsável. Dessa forma, a concepção



de linguagem, em Bakhtin e o Círculo, se revela como um caminho válido para analisar o fenômeno digital, uma vez que aponta para uma noção de linguagem não-logocêntrica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da teoria bakhtiniana, os elementos que compõem um enunciado (a alternância entre sujeitos, a capacidade de responder ao enunciado, o acabamento e o tom emotivo-volitivo) evidenciam que limitar a concepção de enunciado à sua composição, por elementos linguísticos, é insuficiente, quando vista a linguagem e sua relação com a vida, pois em todos os campos da atuação humana a linguagem está presente através de enunciados concretos como atos responsáveis. Nesse sentido, a análise do enunciado restrita à rigidez sintática do sistema linguístico é insuficiente, visto que dimensões do contexto social e histórico, posições valorativas que o autor assume e outros elementos que orbitam na camada extraverbal do enunciado são ativados para realização da produção discursiva.

Essa massa extraverbal dá corpo ao enunciado, o qual, mesmo sendo repetido por outros, apresentará outros acabamentos, outros valores, nas mais diversificadas esferas de comunicação verbal e, no mundo digital, não é diferente. Diante dessa compreensão de que o ato enunciativo não se restringe ao linguístico, entende-se que é preciso ampliar a concepção de linguagem, especialmente, quando se tem a realidade social atravessada pelos mais diversos recursos tecnológicos, além de atividades interacionais desenvolvidas em espaços digitais. Dessa forma, toma-se a concepção filosófica de linguagem no Círculo como possibilidade frutífera para a ampliação da discussão teórica, visto que apresenta uma inclinação não-logocêntrica, a



qual, quando usada para refletir sobre o discurso digital, ilumina a natureza multissemiótica e hipermidiática dos discursos digitais, tendo em vista que eles não se limitam ao sistema linguístico.

No mundo digital, o indivíduo, ao postar um enunciado, está realizando um ato responsável em relação a dado objeto da cultura e em relação ao outro com o qual estabelece relações dialógicas. Dessa forma, a reflexão sobre o que postar e por que postar ou curtir, compartilhar ou executar outros atos responsivos, ainda que padronizados pelas plataformas digitais, deve ser um exercício de autoanálise, tendo como base a noção de que sendo um ser da existência, o usuário é uma espécie de autor que atua, age na realidade em relação ao outro com quem interage e com um conteúdo da cultura em determinado tempo e espaço.

A natureza desse enunciado digital é heterogênea e hipermidiática, por isso, em seu plano discursivo, o autor/usuário, em determinado contexto sócio-histórico, orchestra uma série de elementos que compõem esse discurso: o hipertexto, que envolve textos e suas conexões e a multimídia, agregadora de sons, imagens, movimentos, entre outros recursos. Semelhante à afirmativa de Bakhtin (2016) que aprender a falar é aprender a construir enunciados, seguindo essa diretriz, postar em uma rede social é aprender a construir enunciados digitais como atos responsáveis.

Para tanto, é necessário entender que as redes sociais são uma espécie de ecologia digital, pois esses ambientes estão em constante mudança e adaptação, logo, os modos de interação são afetados por vários processos de renovação, ocasionando uma heterogeneidade de formas para se comunicar e interagir, nas quais os recursos tecnológicos são inseparáveis dos linguísticos, na produção de sentido. Assim, criar



um enunciado no ambiente virtual é, antes de tudo, numa perspectiva composicional, um ato de olhar para vida e conseguir produzi-la no espaço limítrofe proporcionado por essa ou aquela rede social.

Esse processo de produção discursiva revela que ser humano e máquina se hibridizam na construção das formas de se comunicar, ou melhor, parcerizam na produção de enunciados. O exemplo analisado, neste estudo, evidencia que foi preciso acessar o arquivo de *memes*, fato de linguagem que tem sua origem no ambiente digital, para que no processo de acabamento da produção verbal o usuário/autor pudesse construir seu enunciado, o qual foi finalizado ao serem adicionados recursos multissemióticos como fotos, textos, *hashtags* e ampliado pelas respostas de outros usuários, ao comentarem responsabilmente a temática abordada, em resposta ao enunciado em questão.

A análise desses elementos se deu sob as lentes da teoria do Círculo, ao propor uma noção de linguagem que se funde a uma concepção não-logocêntrica. Outro ponto que evidenciou essa ideia foi a afirmação de Volóchinov sobre o auditório do ato enunciativo como influenciador da estilização do enunciado. Diante desse potencial analítico instaurado na década de 1920, pelos teóricos do Círculo russo, entre eles, Bakhtin, Volóchinov e Medviédev, pensadores que embasaram a análise empreendida, neste estudo, com seus conceitos-categorias de teor filosófico, foi possível compreender que os recursos tecnológicos possibilitaram a criação linguageira compósita do vídeo do *TikTok*. Essa construção ocorreu de forma hipermidiática, pois o auditório dessa rede social estaria familiarizado com a linguagem dos *memes* e com o uso de ferramentas digitais, o que levou @historiapringlesver a acessar o acervo de *memes* para criar seu enunciado sobre a relação entre Igreja Católica na Idade Média e pessoas ruivas. Como pano de fundo



dessa compreensão está a aceitabilidade da ideia de que, no ecossistema do discurso/enunciado digital, a ordem languageira e a ordem tecnológica se hibridizam num compósito.

O propósito desta investigação, portanto, foi delinear as potencialidades de análise do enunciado digital, na especificidade dessa esfera de interação discursiva, sob a ancoragem da teoria bakhtiniana de linguagem, entendendo-se que tal perspectiva está enraizada, antes de tudo, numa reflexão filosófica assentada em uma visão que não se limita a ressaltar a soberania do sistema linguístico como elemento exclusivo e principal de formação de um enunciado. A proposta de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev sobre a construção do enunciado é que o ato enunciativo é resultado da interação social, e que a linguagem é um fenômeno social, relacionado à realidade.

Eles argumentam que o gênero do discurso e a realidade estão intrinsecamente ligados, e que o enunciado é construído a partir de uma interação dialógica entre os sujeitos enunciadores e o contexto social em que a linguagem é utilizada. Ao estabelecer diálogo com teorias recentes sobre o fenômeno digital, como vistas em Santaella (2021) e Paveau (2021), busca-se contribuir para a compreensão dos estudos bakhtinianos sobre a linguagem no mundo digital – não de forma a finalizar a discussão, mas a incentivar outros pesquisadores e interessados a olharem para as ações languageiras humanas através das lentes filosóficas de Bakhtin.

A ideia é que as ações humanas no mundo digital ou a responsividade padronizada de curtir, compartilhar, postar, comentar e outros gestos responsivos já presentes, bem como os que ainda serão programados para a interação digital, são também atos responsáveis, e que os discursos digitais são uma coprodução entre humano e recursos digitais, criando uma



comunicação completamente nova, fenômeno que requer investigação sem a divisão binária entre linguístico e extralinguístico.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, pelo apoio financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BRAIT, B. “Construção coletiva da perspectiva dialógica: história e alcance teórico-metodológico”. In: FIGARO, R. (org.). **Comunicação e Análise do discurso**. 1. ed. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. p. 79-98.

BURGESS, J. “Toda sua chuva de chocolate está pertencida a nós?: Vídeos virais, Youtube e a dinâmica da cultura participativa”. In: CHAGAS, V. (org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 127-138.

DI FELICE, M. **A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2020.



HIRSCHKOP, K. **The Cambridge introduction to Mikhail Bakhtin**. New York, NY: Cambridge University Press, 2021.

HISTÓRIA PRA INGLÊS VER. **A Igreja Católica na Idade Média depois de ver um ruivo**. [@historiapraininglesver]. 25 de mar. 2022. [vídeo]. TikTok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@historiapraininglesver/video/7079048223150705926?is_from_webapp=1&web_id=7139637212253554181>. Acesso em: 16 mar. 2023.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LATOURE, B. “Networks, societies, spheres: Reflections of an actor-network theory”. **International Journal of Communication**, v. 5, p. 796-810, 2011. Disponível em: <<https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1094/558>>. Acesso em: 16 mar. 2023.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Tradutoras Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed., 1. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.

NICOLELIS, M. **O verdadeiro criador de tudo: como o cérebro humano esculpiu o universo como nós o conhecemos**. São Paulo: Planeta, 2020.

PAVEAU, M. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Organizadores: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

SOBRAL, A. U.; PIRES, V. L. “Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshínov”. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, p. 205-219, 2013. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/13785>>. Acesso em: 16 mar. 2023.



PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana**: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea. Coordenação de tradução Valdemir Miotello. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017.

SANTAELLA, L. **Humanos hiper-híbridos**: linguagens e cultura na segunda era da internet. São Paulo: Paulus, 2021.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

Data de recebimento: 18/03/2023

Data de aprovação: 03/08/2023

